

## **Violências sofridas pelas mulheres torcedoras de arquibancada**

*Violence suffered by women supporters of bleachers*

*Violencia sufrida por mujeres simpatizantes de las gradas*

Recebido: 17/04/2021 | Revisado: 21/04/2021 | Aceito: 23/04/2021 | Publicado: 26/04/2021

**Vanessa Egla Rocha do Nascimento**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5272-1246>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: [vanessa\\_egla@hotmail.com](mailto:vanessa_egla@hotmail.com)

**Adrillayne dos Reis Araújo**

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8020-6038>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: [adrilayne@ufpa.br](mailto:adrilayne@ufpa.br)

### **Resumo**

O presente artigo científico tem por objetivo detectar, compreender e discutir as violências que as mulheres torcedoras de arquibancada sofrem nos estádios de futebol. A metodologia empregada na construção deste estudo foi exploratória a partir de pesquisa bibliográfica, com investigação do assunto em jornais e revistas eletrônicas, livros, artigos científicos e matérias desportivas constantes em sites e blogs futebolísticos. Os resultados obtidos demonstraram que tem aumentado paulatinamente o interesse das mulheres pelo futebol e que o número de torcedoras que frequentam arquibancadas tem acompanhado o crescimento. Contudo, o referido esporte continua sendo um ambiente impregnado de masculinidades e de estereotipação das mulheres, o que resulta na não aproximação ou mesmo no afastamento delas dos jogos dos times de coração. Concluiu-se que urge a necessidade de união entre os agentes envolvidos na organização das partidas, quais sejam: Clubes de Futebol, Torcidas Organizadas, Federações de Futebol, Secretarias de Segurança Pública, Polícias Militares, Ministério Público e Confederação na construção, na participação e no incentivo à criação de campanhas permanentes, preventivas e educativas de combate ao machismo, ao assédio e demais violências vivenciadas pelas mulheres nos estádios, tudo isso aliado a atitudes concretas e céleres de aplicabilidade das medidas legais existentes, com vistas a conferir eficácia à punição, na forma da lei, dos agressores.

**Palavras-chave:** Estádio; Futebol; Assédio; Machismo; Estereotipação.

### **Abstract**

This scientific article aims to detect, understand and discuss the violence that women fans of the stands suffer in soccer stadiums. The methodology used in the construction of this study was bibliographic research, with investigation of the subject in electronic newspapers and magazines, books, scientific articles and sports articles on football websites and blogs. The results obtained showed that the interest of women in soccer has gradually increased and that the number of fans who attend bleachers has kept up with the growth. However, the referred sport remains an environment steeped in masculinity and stereotyping of women, which results in their failure to approach or even withdraw from the games of the teams at heart. It was concluded that there is an urgent need for unity among the agents involved in the organization of matches, namely, Football Clubs, Organized Supporters, Football Federations, Public Security Departments, Military Police, Public Prosecutor's Office and Confederation in the construction, participation and encouragement of creation of permanent, preventive and educational campaigns to combat machismo, harassment and other violence experienced by women in the stadiums, all this coupled with concrete and swift attitudes of applicability of existing legal measures, with a view to making punishment effective, in the form of the law, of the aggressors.

**Keywords:** Stadium; Soccer; Harassment; Chauvinism; Stereotyping.

### **Resumen**

Este artículo científico tiene como objetivo detectar, comprender y discutir la violencia que sufren las mujeres aficionadas a las gradas en los estadios de fútbol. La metodología utilizada en la construcción de este estudio fue la investigación bibliográfica, con investigación del tema en periódicos y revistas electrónicas, libros, artículos científicos y artículos deportivos en sitios web y blogs de fútbol. Los resultados obtenidos mostraron que el interés de las mujeres por el fútbol ha ido aumentando paulatinamente y que el número de aficionados que asisten a las gradas ha seguido el ritmo. Sin embargo, el referido deporte sigue siendo un entorno impregnado de masculinidad y estereotipos de las mujeres, lo que redundaba en su incapacidad para acercarse o incluso retirarse de los juegos de los equipos de corazón. Se concluyó que existe una urgente necesidad de unidad entre los agentes involucrados en la organización de los partidos, a saber, Clubes de Fútbol, Simpatizantes Organizados, Federaciones de Fútbol,

Departamentos de Seguridad Pública, Policía Militar, Ministerio Público y Confederación en la construcción, participación y fomento de creación de campañas permanentes, preventivas y educativas para combatir el machismo, el acoso y otras violencias que experimentan las mujeres en los estadios, todo esto sumado a actitudes concretas y rápidas de aplicabilidad de las medidas legales existentes, con miras a hacer efectivo el castigo, en la forma de la ley, de los agresores.

**Palabras clave:** Estadio; Fútbol; Acoso; Chauvinismo; Estereotipos.

## 1. Introdução

Lutar por respeito em um espaço predominantemente masculino é a rotina de mulheres que vivem o futebol em suas mais variadas facetas. Dentre discursos de mulheres jornalistas esportivas, atletas de futebol, árbitras, assistentes, narradoras ou torcedoras, concedidos em entrevista a Reis et al. (2020) pode-se extrair um ponto convergente em todas as falas: a permanente luta pela ocupação do espaço da mulher no ambiente futebolístico e constataram nas entrevistas que as mulheres vivenciam as dificuldades no exercício do jornalismo esportivo, muitas existentes apenas e tão somente em razão do gênero.

No Estado do Pará o cenário encontrado por Reis et al. (2020) é de que mulheres não são valorizadas mesmo desempenhando um excelente trabalho ou tendo a competência necessária para o cargo ou função, além disso, muitas esportistas estão nos clubes pelo amor aos mesmos, sem patrocínio e não por competência como ocorre nos times masculinos que frequentemente tem grandes oportunidades em clubes de fora ou um bom contrato, ou seja, constatou-se que não há apoio ou estrutura adequada para as esportistas femininas. Fica claro que o problema não é local, como pode ser percebido na transcrição:

Dificuldades temos em todos os lugares, não só aqui como em outros Estados. Claro que há mais visibilidade no Rio de Janeiro e São Paulo devido aos jogos e aos times de lá. Mas eu acredito que um excelente trabalho dentro do campo vai fazer você ser vista. (Reis et al., 2020).

As mulheres profissionais do mundo da bola, como jogadoras profissionais, técnicas de equipe de futebol profissional e assistentes de arbitragem do quadro da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), retrataram para Reis et al. (2020) os percalços enfrentados mostrando claramente a invisibilização delas por questões de gênero, mas fica claro também que o primeiro enfrentamento das mulheres torcedoras é dentro de casa, as impedindo de ir aos jogos apresentando diversos motivos e desculpas para a proibição, muitas relacionadas ao que realmente acontece, como assédios e machismos devido a enorme presença masculina nos estádios e até mesmo no percurso até o estádio de futebol, ou seja, os espaços do futebol são predominantemente masculinos.

A relação histórica de dominação que os homens mantêm sobre as mulheres, retratada por Beauvior (2016) e por Bourdieu (2002), está refletida nos estádios de futebol, cuja predominância das masculinidades ainda se faz presente, mesmo com o crescimento significativo do público feminino nas arquibancadas.

Petrocilo (2020), em matéria jornalística da Folha de São Paulo, divulga pesquisas realizadas pelo Datafolha, no ano de 2019, constantes no site oficial da Federação Paulista de Futebol (FPF), as quais apontam que no Estado de São Paulo, durante o Paulistão 2019, o público feminino foi de 14%. Tomando por parâmetro o cenário nacional, outra pesquisa realizada pelo Ibope Repucom, encomendada pela Comissão de Comunicação e Marketing da FPF, apontou que 12% do público que frequentou estádios de futebol no ano de 2019 foram de mulheres. A mesma pesquisa aponta que o número de mulheres interessadas pelo futebol vem aumentando progressivamente. (Datafolha, 2019).

A partir destes dados, pode-se identificar um contrasenso: se o número de mulheres interessadas no futebol tem aumentado progressivamente, o que explica que quando o público que frequenta os estádios de futebol é dividido por sexo não existe diferença entre as proporções de homens e mulheres. Isso quer dizer que dentro de cada grupo a proporção de quem vai ao estádio é a mesma entre homens e mulheres.

Luzzi (2020) em reportagem realizada ao Portal Comunicare, faz uma análise sobre a referida pesquisa realizada pelo Ibope/Repucom de 2019, encomendada pela FPF e conclui que o estudo contribuiu para identificação dos principais problemas e dificuldades enfrentados pelas mulheres torcedoras frequentadoras de estádio de futebol: a falta de companhia ou de incentivo do círculo social das mulheres para frequentarem estádios e falta de segurança.

Outro estudo encomendado pela FPF e realizado pelo Ibope/Repucom indica que as mulheres não têm companhia ou incentivo do seu círculo social para frequentarem estes ambientes. Um dos motivos mais citados pelas mulheres, também, é a falta de segurança, como afirma uma das fundadoras do Movimento Alvinegras – torcida feminina do Corinthians –, Tatiane Vidal, 35: “Não somos maioria no estádio devido à violência, ao medo, a toda preocupação que existe da mulher sair de casa. Tem jogos de quarta-feira que acabam tarde e para uma mulher estar sozinha, dependendo de transporte público às 23h é perigoso” (Luzzi, 2020, p. 2).

Luzzi (2020) destaca também que a FPF identificou, ainda, que diante das dificuldades encontradas pelas mulheres nos estádios, as torcedoras ao redor do país têm se unido, criando movimentos de torcidas femininas e ido juntas ao estádio, em uma verdadeira tentativa de driblar a violência contra as mulheres torcedoras. Dentre alguns exemplos destes movimentos, a autora traz como exemplos as Verdonnas do Palmeiras, o Movimento Avinegras no Corinthians, São Pra Elas do São Paulo, as Athlitcaníssimas no Atlético, dentre outras.

Os espaços virtuais da internet são meio de contribuição significativa na organização destes movimentos de torcidas, na medida em que proporciona uma maior organização feminina na composição identitária das torcedoras mulheres ao redor do Brasil, logo Costa (2007, p. 02) assevera que “a mulher como-ser-que-torce vem se configurando em um perfil feminino cada vez mais comum, perfil que se manifesta por diferentes meios que vão desde as arquibancadas até os espaços virtuais da internet”.

Maia (2020), em blog on line, informa que, a partir do resultado final das pesquisas realizadas pelo Datafolha e pelo Ibope/Repucom, a FPF e os clubes de futebol do Estado de São Paulo, participantes do Paulistão 2020 se uniram e lançaram o movimento “#ElasNoEstádio” como forma de incentivo às mulheres para acompanharem seu time de coração durante os jogos. A FPF, em seu site oficial, se manifestou:

A Federação Paulista de Futebol (<https://futebolpaulista.com.br/Home/>, recuperado em 12 de dezembro, 2020) encomendada a partir do desejo da Comissão de Comunicação e Marketing da FPF e Clubes em ampliar a presença feminina no futebol, esta última pesquisa foi realizada em dezembro, ouvindo três perfis de mulheres: as que não frequentam estádio, as que vão eventualmente e as assíduas dos jogos. Resultado do levantamento do Ibope/Repucom indicou que o conceito familiar ou social de que o estádio não é local adequado para mulheres é um dos principais fatores para afastar o público feminino do futebol. E que, neste contexto, as mulheres entrevistadas relatavam que lhes faltava companhia ou incentivo de seu círculo social para frequentar os jogos. Com este diagnóstico, FPF e clubes lançam o movimento #ElasNoEstádio, cujas primeiras iniciativas serão:

- Atendimento especial às mulheres nos estádios, para que possam relatar assédio, ofensas e violência. Nos jogos na capital, haverá, preferencialmente, delegadas para atender o público feminino;
  - Abertura de canal de comunicação exclusivo para mulheres darem sugestões, criticarem ou até mesmo denunciarem crimes ou ofensas: <elasnoestadio@fpf.org.br>;
  - Incentivo a coletivos e grupos femininos para que possam ir juntas aos estádios;
- Além destas ações iniciais, que visam oferecer respaldo às mulheres interessadas em frequentar os estádios, FPF e clubes mapearão mais iniciativas que serão desdobradas ao longo do ano, a fim de atender os anseios do público feminino e proporcionar uma experiência mais atraente às torcedoras.

Percebe-se, desta forma, a adoção de uma postura proativa da FPF, que buscou identificar o problema e tem se movimentado de forma integrada com Clubes Paulistas, com vistas a proporcionar às mulheres torcedoras maior segurança e frequência nos estádios de futebol. Destarte, este estudo tem por objetivo identificar possíveis formas de incentivo à frequência

das mulheres nas arquibancadas e nos estádios de futebol. Para tanto, será realizado um perpasso sobre o histórico das participações das mulheres torcedoras de arquibancada nos estádios do Brasil e sobre as principais dificuldades enfrentadas ao longo deste processo de integração

## 2. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória com levantamento bibliográfico de natureza qualitativa. De acordo com Casarin e Casarin (2012) a pesquisa exploratória tem como principal objetivo a familiarização inicial do autor com o tema em estudo, levando o mesmo a ter uma melhor compreensão, entendimento e precisão, podendo até construir hipóteses a respeito do problema.

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica em livros, artigos científicos, anais, obras, sítios, jornais e revistas eletrônicas para recolher informações sobre o tema proposto.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares suficientemente constatados, pode-se inferir uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas. As autoras atestam que a indução apresenta duas formas: completa ou formal; e incompleta ou científica. Quanto a esta última, aduzem: “a indução científica fundamenta-se na causa ou na lei que rege o fenômeno ou fato, constatada em um número significativo de casos (um ou mais), mas não em todos” (Lakatos; Marconi, 2003, p. 89). Portanto, o método utilizado para construção do presente estudo é o Indutivo Incompleto.

## 3. Resultados e Discussão

As lutas pela igualdade de gênero e a criação de políticas de enfrentamento de violência à mulher são constantes e a violência de gênero, conforme assevera Bandeira (2014) é uma forma de controle social para manter as estruturas de poder dos homens sobre as mulheres nos mais variados contextos sociais e no futebol não é diferente.

Bandeira (2010) entende o mundo do futebol como típico meio social de reprodução das masculinidades. No entendimento de Ecoten (2013), embora as mulheres estejam presentes no mundo dos esportes e do futebol, elas não estão inseridas no meio, posto que não conseguem implantar suas feminilidades na mesma medida que as masculinidades e, como consequência, estão em permanente luta para ocupar o espaço futebolístico.

Santos e Pacheco (2019) retratam a objetificação das mulheres torcedoras no meio futebolístico e relatam que a mulher torcedora é comumente sexualizada em roupas mínimas e retratada em programas televisivos esportivos de forma caricata de feminilidade, muitas vezes no papel de musas.

### 3.1 Ela é o outro

Beauvoir (2016) trata sobre a relação que os homens mantêm com as mulheres a partir da dialética do senhor e do escravo de Hegel. A autora aduz: “O homem é o sujeito, o Absoluto; ela é o Outro” (Beauvoir, 2016, p. 13). A partir do conceito de “outro”, a mulher não é definida como um fim em si mesma, mas em relação ao homem e a partir do olhar do homem, que confina a mulher em um papel de submissão e hierarquização.

Para Beauvoir (2016) a categoria do outro é comum, considerando que nas mais antigas mitologias e sociedades primitivas já se encontravam presente uma dualidade: a do mesmo e a do outro.

Os judeus são “outros” para o anti-semita, os negros para os racistas norte-americanos, os indígenas para os colonos, os proletários para as classes dos proprietários. Ao fim de um estudo aprofundado das diversas figuras das sociedades primitivas, Levi Strauss pôde concluir: “A passagem do estado natural ao estado cultural define-se pela aptidão por parte do homem em pensar as relações biológicas sob a forma de sistemas de oposições: a dualidade, a alternância, a

oposição e a simetria, que se apresentam sob formas definidas ou formas vagas, constituem menos fenômenos que cumpre explicar os dados fundamentais e imediatos da realidade social”. Tais fenômenos não se compreenderiam se a realidade humana fosse exclusivamente um *mitsein* baseado na solidariedade e na amizade. Esclarece-se, ao contrário, se, segundo Hegel, descobre-se na própria consciência uma hostilidade fundamental em relação a qualquer outra consciência; o sujeito só se põe em se opondo: ele pretende afirmar-se como essencial e fazer do outro o inessencial, o objeto (Beauvior, 2016, p. 11-12).

O “Outro Beauvariano” estendeu o conceito de “Outro” à categoria de gênero, partindo do entendimento de que não há reciprocidade entre os sexos masculino e feminino, na medida em que a mulher é considerada o Outro absoluto: “isto é – qualquer que seja sua magia – o inessencial, faz-se precisamente impossível encará-la como outro sujeito. As mulheres nunca, portanto, constituíram um grupo separado que se pusesse para si em face do grupo masculino; nunca tiveram uma relação direta e autônoma com os homens” (Beauvior, 2016, p. 90). Considerando a relação de hierarquização e subordinação, Beauvior (2016) conclui que os homens impõem à mulher a condição de “Outro”, na medida em que a objetifica e a impõe uma consciência essencial e soberana.

Bourdieu (2002) corrobora com este entendimento ao analisar o comportamento dominante masculino e aduzir que a sociedade prega, muitas vezes inconscientemente, a aceitação e resignação feminina às regras determinadas pelos dominantes, os homens. Tal dominação é camuflada a tal ponto que, muitas vezes, quem a sofre não percebe. No mundo esportivo, em especial o futebol, dominado por masculinidades, há a reprodução do comportamento dominante masculino citado por Bordieu (2002).

### 3.2 Elas no alambrado

Ao tomar por parâmetro o campo esportivo, em especial o futebol, há reflexos da dominação masculina retratada por Beauvior (2016) e por Bourdieu (2002). E não poderia ser diferente, tendo em vista que, segundo Murrad (2007) o referido esporte é um “fato social total”.

Mauss (1974) define fato social total como um fenômeno complexo capaz de exprimir o conjunto das instituições e a partir do qual todo social pode ser observado, ou seja, o futebol é uma maneira pela qual a vida social se exprime. E é um campo perfeito para a análise da dominação retratada por Bourdieu (2002), tendo em vista que o esporte é historicamente retratado como predominantemente masculino (Damatta, 1982).

Os Estádios de Futebol, templos da bola, não poderiam ser diferentes na essência eminentemente masculina. Bandeira (2010, p. 342) entende os estádios como “um contexto cultural específico, um local que institucionaliza práticas, ensina, produz e representa masculinidades”. Inclusive, Bandeira e Seffner (2018) aduzem que em determinados momentos, é impossível diferenciar a prática de torcer da produção da identidade masculina e que, mesmo quando as mulheres se fazem presentes nos estádios, as feminilidades das torcedoras não estão presentes da mesma forma que as masculinidades. Nesse sentido, o futebol pode ser lido como “uma das instituições generificadas e androcêntricas de nossa cultura” (Bandeira; Seffner, 2018, p. 292).

Santos e Pacheco (2019) destacam a presença masculina maciça no futebol desde a origem do esporte e que, pelo fato de o espaço não ser apenas esportivo, mas também social, há até hoje o reflexo marcante de que não é um ambiente feminino.

Muhlen e Goellner (2012) como citado por Bandeira e Seffner (2018, p. 292) concluem:

[...] O esporte, como qualquer outra prática cultural, é generificado e generificador. Ou seja, seu acontecer está perpassado pela (re)produção de masculinidades e feminilidades, e estes marcadores identitários não são neutros nem universais. Ao contrário: constroem-se cotidianamente considerando as representações culturais a eles associados.

Embora, o estádio de futebol ainda seja composto por um público predominante masculino, Bandeira e Seffner (2018) destacam que, no processo de modernização/elitização dos estádios, houve investimentos para que as mulheres passassem a frequentar mais habitualmente os respectivos locais, o que causou significativo aumento do público feminino. Contudo, “esse aumento não significa uma imediata alteração nas construções generificadas que acontecem neste contexto cultural específico” (Bandeira e Seffner, 2018, p. 293). Silveira e Stigger (2013, p. 180) corroboram com esse entendimento, na medida em que afirmam que “a participação das mulheres nos esportes não se constituiu em elemento importante para a construção de uma feminilidade hegemônica”.

Para Ecoten (2013), a presença das mulheres nesse meio é marcada por persistências. Significa dizer que, embora as mulheres estejam presentes nos estádios de futebol, em suas mais variadas atuações sociais – torcem, arbitram, comentam, divulgam notícias, disputam campeonatos, acompanham noticiários, atuam como técnicas ou como repórteres esportivas – atualmente com maior habitualidade, estes espaços continuam sendo espaços eminentemente masculinos, na medida em que a feminilidade não consegue sobrepor à masculinidade característica do meio.

Santos e Pacheco (2019) apresentam dados sobre a participação das mulheres no futebol, levantados pela Pluri Consultoria, empresa especializada em pesquisas esportivas:

Cerca de 68,9% das mulheres declaram torcer para algum time de futebol, o que representa cerca de 67,6 milhões de torcedoras. A mesma pesquisa aponta que os times do Flamengo, Corinthians e São Paulo ocupam as três primeiras posições na preferência do público feminino, com 14,1%, 11,7%, 69,5% milhões de torcedoras respectivamente (Santos e Pacheco, 2019, p. 2).

As mulheres sempre estiveram presentes nas torcidas de futebol. Rodrigues Filho (2010, p; 58) destaca a presença feminina desde as primeiras décadas do século XX, ainda no período de pré-amadorismo do esporte: “vestindo seu melhor vestido, botando o seu melhor chapéu para assistir a um *match*”. Silva (2017) inclusive as retrata como “torcedoras de lenços” e Hollanda (2010), em “sugestiva tipificação ancorada na originalidade do imaginário linguístico” destaca a influência da mulher torcedora na origem da expressão torcida:

A palavra torcedor, oriunda do verbo torcer, era consignada pelos cronistas com base em uma observação pitoresca feita nos dias de jogo: em meio aos lances de indefinição e expectativa anteriores ao arremate de um gol, lenços eram torcidos e contorcidos na arquibancada por parte do público feminino presente que, conhecido pela contenção e pela moderação verbal, contrastantes com os gritos, os berros e os impropérios mais permissivos ao público masculino, exprimia de maneira sutil seu sofrimento com as tensões emanadas da partida. Usados pelas mulheres de início para a saudação aos jogadores do time no decorrer do ritual futebolístico – seja a entrada da equipe em campo, seja a comemoração da vitória de sua equipe – junto às fitas coloridas que serviam de adorno e de distintivo clubístico aos chapéus de cada espectador, a torção de tais adereços passou a simbolizar os gestos de aflição, bem como, os efeitos de contração do corpo a que se submetia de um modo generalizado todo e qualquer torcedor. (Hollanda, 2010, p. 96).

Contudo, embora o imaginário popular descrito por Hollanda (2010) atribua às torcedoras mulheres a origem da expressão torcida, a bem da verdade o mundo do futebol, na visão de Santos e Pacheco (2019, p. 4) foi feito “por homens e para homens” e isso se reflete em vários aspectos, desde mulheres atletas profissionais de futebol desassistidas de atenção – inclusive midiática, até as torcedoras apreciadoras de futebol, que precisam, em todo momento, comprovar que a bola também rola no universo feminino. Ainda, conforme Ribeiro (2015) como citado por Santos e Pacheco (2019), retratam:

Isso não se reflete apenas quando a seleção feminina é negligenciada mesmo sendo tão vencedora, mas no dia-a-dia de mulheres que gostam dessa cultura tão brasileira e não percebem outras mulheres envolvidas, sendo frequentemente tratadas como ignorantes ou merecedoras de passarem por testes para saber se seu interesse é real, porque aquilo ali é “coisa de homem”. (Ribeiro, 2015 como citado em Santos e Pacheco, 2019, p.4).

Segundo Noronha (2012 como citado por Santos e Pacheco (2019, p. 3), “a presença das mulheres no campo esportivo, sobretudo no futebol, um território masculino, é complexa e repleta de estereótipo”. Seguindo este raciocínio, aduzidos por Lippman (2010) como citado em Santos e Pacheco (2019, p.3): “um estereótipo pode ser transmitido de uma forma tão consciente e peremptoriamente em cada geração de pai a filho que parece ser quase um fato biológico”. E concluem que:

Nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos. Na confusão brilhante, ruidosa do mundo exterior, pegamos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber aquilo que captamos na forma estereotipada para nós por nossa cultura (Lippman, 2010 como citado em Santos e Pacheco, 2019, p. 3).

Assim, a objetificação das mulheres é presente desde os primórdios do futebol. Costa (2006) retrata que quando o futebol chegou ao Brasil, era praticado apenas por homens ingleses e famílias ricas. No estádio, a presença das mulheres nas torcidas era bem vista e contribuía para uma atmosfera fidalga, associando-o à elegância, tranquilidade e beleza que as famílias abastadas admiravam.

Com a evolução e popularização do esporte no decorrer dos séculos, a torcida feminina ainda se fazia presente nos estádios, contudo, segundo Silva (2017) como citado em Santos e Pacheco (2019, p. 10), “as torcedoras, para evitar gracejos dos torcedores homens presentes, não denunciavam seu gênero e se misturavam disfarçadas à massa”, utilizando camisetas de futebol que não destacavam os atributos do gênero, apenas os cabelos ficavam aparentes.

A condição da mulher como “adereço” no esporte e nas torcidas é percebida ainda hoje. Salvini (2012) entende que a naturalização da mulher atleta atrelada aos ideais de beleza física e cuidados com o corpo, reforçada por mecanismos midiáticos, são leis de reprodução sexistas e representam uma violência simbólica contra o gênero.

O mesmo acontece com a mulher torcedora, que é sexualizada e, segundo Bandeira e Seffner (2018) retratada de forma caricata por torcedores, pela mídia e pelos próprios Clubes, com representações bastante fixas sobre feminilidade. Ribeiro (2015) como citado por Santos e Pacheco (2019, p. 4) retratam que “mulheres só são naturalmente aceitas no futebol quando se colocam em posições como ‘Musas do Futebol’, em que são facilmente objetificadas, julgadas e maltratadas por homens e por outras mulheres”. Em outro estereótipo claro da presença feminina nas arquibancadas, Bandeira (2009), assim analisou Jogo Promocional do Sport Club Internacional, ocorrido no dia 08 de março – Dia Internacional da Mulher – no ano de 2008:

Todos os jornais que comentaram aquele jogo enfatizaram a presença maciça da torcida feminina no Beira-Rio. Paulo Roberto Falcão, em *Zero Hora*, destacou em uma matéria intitulada *Perfume na Arquibancada* que os repórteres no Beira Rio apontavam um aroma diferenciado no estádio. O comentarista também destacou que a presença de mulheres e crianças poderia ser positiva para “civilizar” o comportamento nos estádios, em tempos de violência. Ruy Carlos Ostermann enfatizou o depoimento de um repórter que achou o estádio silencioso para um público de cinquenta mil pessoas. Hiltor Mombach do *Correio do Povo* destacou que o melhor do final de semana foi o público no Beira-Rio e a presença maciça das mulheres. Essa presença maciça de mulheres correspondeu, segundo o mesmo colunista, a vinte e seis por cento do público. Essa surpresa ajuda a demonstrar como a presença das mulheres, mesmo num percentual nem tão “maciço” assim (uma mulher para cada três homens) causa alguma admiração e ainda é entendido como incomum (Bandeira, 2009, pp. 93-94).

Nesse contexto, a mulher foi retratada como verdadeira caricatura da feminilidade, a partir do momento em que a presença maciça neste jogo foi – ainda que figurativamente, capaz de alterar o aroma da arquibancada, silenciar o estádio e trazer civilidade à torcida. A sexualização da torcedora mulher também é retratada por Bandeira e Seffner (2018), em circunstâncias vivenciadas em jogos de futebol:

Observando o movimento nos estádios em 2015 e 2016, visualizamos uma presença constante de grupos exclusivamente de mulheres. Essa presença, entretanto, parecia ainda dialogar com um ambiente machista, atraindo uma série de olhares e assédios. Antes da partida contra o Coritiba Foot Ball Club, pelo Campeonato Brasileiro de 2015 observamos um desses grupos exclusivamente femininos acessando o estádio. Ao passarem por pequenos grupos de homens, era possível escutar manifestações machistas de toda a ordem, quase sempre vinculadas aos atributos físicos das torcedoras, que utilizavam a tática da ignorância em relação a essas manifestações (DC 611). Em outra partida pelo Campeonato Gaúcho de 2016, duas meninas de shorts receberam um “pelo amor de Deus” de um torcedor (DC 19). Ainda antes do início da partida diante do Esporte Clube Vitória, a árbitra assistente foi fazer a recorrente verificação da rede do gol próximo a Arquibancada Norte. Do espaço, predominantemente ocupado pela Geral12, vieram assobios e comemorações (DC 30). (Bandeira e Seffner, 2018, p. 294).

Conforme Souza & Antônio (2014) e Alves (2018) como citados por Santos e Pacheco (2019, p. 4), afirmam que outra forma recorrente de estereotipar a mulher torcedora é atribuir o crescimento do público feminino nos estádios, o afeto e o amor que elas sentem pelo futebol como sendo consequência direta de namorado, marido, jogador bonito e/ou famoso ou mesmo de status, fazendo com que as mulheres “pareçam exceção, corpos estranhos em um ambiente excusamente masculino”.

Santos e Pacheco (2019) ainda relatam ainda que, no contexto atual, os Clubes têm sinalizado posicionamento em prol das torcedoras, com ações voltadas às mulheres. Inclusive, as autoras relatam que em pesquisa *on-line* realizada com 218 torcedoras de diferentes times do Brasil, no período de 03 de outubro a 03 de novembro de 2018, obteve o seguinte resultado: 51,4% das respondentes afirmaram que seus times realizam/realizaram alguma ação de apoio à torcida feminina. 32,6% afirmaram que não sabiam de nenhuma ação realizada. E apenas 12,8% afirmaram que seus times nunca realizam/realizaram tais ações. Campanhas referentes ao Outubro Rosa e ao Dia Internacional da Mulher foram as mais citadas pelas entrevistadas. Outras como “Respeito as Mina”, “Combate à Violência” e “Combate ao Assédio” também se destacaram.

Outras formas de combate ao machismo e ao sexismo nos estádios de futebol têm sido adotadas pelos Clubes de Futebol. Santos e Pacheco (2019) listam a seguir algumas atitudes de Clubes considerados de massa, que articulam as seguintes medidas:

- 1) os clubes Bahia e Vitória assinaram um Termo de Cooperação Técnica que tem por “finalidade fortalecer a defesa dos direitos das mulheres, que vêm enfrentando o preconceito e a discriminação fabricada a partir de uma matriz sexista e machista” (BN Esportes, 29/10/2018);
- 2) o Clube Náutico Capibaribe criou, em 8 de março de 2018, a Diretoria da Mulher, segundo o Departamento e Comunicação do Clube, com a finalidade de “estimular a maior participação feminina” (Site Oficial, 2/3/2018).
- 3) No São Paulo Futebol Clube, após pesquisa realizada pelo Departamento de Comunicação do São Paulo apontar que 74% das torcedoras têm receio de ir ao estádio sozinhas e 59% á terem sofrido algum tipo de assédio, o clube divulgou um manifesto em favor da inclusão das mulheres e contra a iscriminação sofrida por elas no futebol, firmando o compromisso em dialogar com as torcedoras para identificar problemas e tomar medidas para solucioná-los. (Gazeta Esportiva, 2018, *On Line*).
- 4) Em entrevista, o diretor de torcidas do Internacional, Juan Ahumada, destacou que o clube possui um departamento exclusivo para torcedores e torcedoras. Segundo ele, “tratamos todos iguais, respeitando seu tamanho, não fazendo diferença entre torcidas” (6/11/2018).
- 5) Por último, o clube de Regatas Vasco da Gama, após denúncias de abusos sofridos por torcedoras nas torcidas organizadas, afirma que o clube vem realizando reuniões com grupos de mulheres, como o Movimento Vascaínas Contra o Assédio, segundo Sônia Andrade, vice-presidente geral do clube. Além disso, o Vasco promete criar uma ouvidoria, e durante os jogos terá um grupo interdisciplinar com psicólogos, assistentes sociais e a Delegacia da Mulher. O Vasco disse ainda que o assédio pode significar a exclusão de sócios. (Santos e Pacheco, 2019, pp. 7-8).

### 3.3 Elas violentadas

A Lei nº 11.340/2006 (Brasil, 2006) – Lei Maria da Penha, no Capítulo II, art. 7º, incisos I, I, III, IV e V, traz à baila 05 (cinco) tipos de violência contra a mulher: física, psicológica, moral, sexual e patrimonial. De acordo com as definições trazidas pela legislação citada:

- I - a violência física, entendida como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal;
- II - a violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação;
- III - a violência sexual, entendida como qualquer conduta que a constranja a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos;
- IV - a violência patrimonial, entendida como qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades;
- V - a violência moral, entendida como qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria”. (Lei nº 11.340/2006).

Além dos cinco tipos de violência contra a mulher retratados na Lei nº 11.340/2006 (Brasil, 2006), um sexto tipo de violência também será considerado para composição deste estudo: a violência simbólica, retratada por Bourdieu (2002, p. 22): “A violência simbólica consiste em uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la”.

Salvini, Souza & Marchi Júnior (2012, pp. 407-408), por sua vez, interpretando a visão do sociólogo francês Bourdieu (2002), definem a violência simbólica como a “violência silenciosa, porém árdua, que se realiza sem a percepção de quem sofre e, muitas vezes, de quem a utiliza como forma de impor sutilmente sua dominação”.

Para entender melhor o conceito de violência simbólica, é necessário discorrer sobre os conceitos de “habitus” e “campo”. Para Bourdieu (2002, p. 144), “habitus” é “(...) um corpo socializado, um corpo estruturado, um corpo que incorporou as estruturas iminentes de um mundo ou de um setor particular desse mundo, de um campo, e que estrutura tanto a percepção desse mundo como a ação nesse mundo”. Já o campo define-se como:

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças - há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço - que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (Bourdieu, 2002, p.57).

Na linha de raciocínio do autor, embora haja uma diferenciação entre os dois termos, eles assumem uma cumplicidade ontológica, na medida em que o campo constitui o “habitus” da mesma forma que o “habitus” constitui o campo.

Salvini, Souza & Marchi Júnior (2012, p. 404) esclarecem ainda mais o conceito de violência simbólica, quando a definem como uma violência dissimulada: “tal violência não pode ser usada independentemente, pois não é um tipo distinto de violência. Ela é violência física mascarada e, por conseguinte, invisível e esquecida”. Os autores aprofundam o tema e entendem esse tipo de violência como uma prisão invisível, sem paredes, nem portas: “Esse tipo de violência tem por efeito, estabelecer a legitimidade de um discurso, de decisão, de um agente ou uma instituição, entretanto, as relações de força que originam a violência simbólica, são desconhecidas”

Embora Salvini, Souza e Marchi Júnior (2012) apontem que a violência dissimulada não caracteriza tipo distinto de violência, que é violência física mascarada e que não pode ser usada de forma independente, ela será utilizada na presente

pesquisa como forma autônoma de violência, ao lado das violências trazidas pela Lei nº 11.340/06, tendo em vista que há violências sofridas pelas mulheres torcedoras que não encontram adequação perfeita aos tipos de violência trazidos em lei. É o caso do fato relatado por Martins (2016), no Blog do Galo (<https://blogdogalo.wixsite.com/blogdogalo>) como citado por Santos e Pacheco (2019, p. 5), ocorrido durante apresentação dos uniformes da temporada 2016, do Clube Atlético-MG: “enquanto os homens subiam na passarela com calções e calças, mulheres apareceram usando apenas biquínis e a camisa do jogo.” A jogada de marketing teve efeito reverso e causou reações negativas por parte das torcedoras em rede social Facebook, que não aceitavam serem sexualizadas e representadas apenas como deleite para os homens, considerados público-alvo do futebol.

A resposta dada por um dirigente do clube às críticas da situação de clara violência simbólica contra a mulher foi reproduzida por Martins (2016) como citada por Santos e Pacheco (2019, p. 6):

Em entrevista a Victor Martins do Uol Esportes, o Atlético Mineiro respondeu as críticas: O Atlético respeita o direito democrático das pessoas de discordarem, mas isso não significa que temos que concordar com as críticas. Não houve excesso, nem atitude machista. Mas reforçamos o direito de críticas e elogios. Não há porque mudar algo que vem dando certo há esse tempo, explicou o diretor de comunicação do clube mineiro, Domênico Bhering.

No caso em comento, nota-se que houve a presença da violência contra a mulher de uma forma difusa, coletiva, atingindo número indeterminado e indeterminável de mulheres, de modo que tal violência não pode ser facilmente caracterizada dentre os tipos de violências consignados na Lei Maria da Penha. No entanto, se encaixa perfeitamente na definição de violência simbólica.

Neste tipo de violência, muitas vezes, nem é preciso que as mulheres estejam presentes fisicamente nos estádios ou jogos de futebol para sofrerem violência. É a violência simbólica, retratada por Bourdieu (2002), que é difusa, geralmente indeterminável quanto ao número de vítimas e inexistente a presença física das vítimas. Muitas vezes esse tipo de violência é cometida pelos próprios clubes em campanhas publicitárias que reproduzem o machismo e o sexismo quase sempre ligados aos atributos físicos das mulheres.

Neste diapasão, o exposto ratifica que além da violência simbólica, as mulheres são passíveis de sofrer, nos estádios de futebol, as violências retratadas na Lei Maria da Penha – Lei nº 11.340/06 (BRASIL, 2006), que são violências contra a mulher. E podem sofrer, ainda, as violências comuns constantes no Código Penal Brasileiro. Estas últimas não são relacionadas ao gênero; entretanto, ser mulher torcedora é estar triplamente fadada a sofrer violência nos estádios de futebol do Brasil.

#### **4. Considerações Finais**

As violências sofridas pelas mulheres nos estádios de futebol e a relação direta com o gênero foi tema proposto e discutido neste estudo. Verificou-se que essas violências são causas diretas do desinteresse ou afastamento do público feminino das arquibancadas, ainda predominante repleta de masculinidades.

Diante desta situação problema, depreende-se que se faz necessária integração de todos os agentes sociais envolvidos na realização de partidas de futebol, quais sejam – Clubes, Torcidas Organizadas, Polícias Militares, Secretarias de Segurança Pública, Ministério Público, Federações de Futebol e Confederação de Futebol – para a construção de campanhas permanentes, educativas e preventivas de combate ao machismo, ao assédio e demais violências contra as mulheres nos estádios de futebol, com a fixação de adesivos e informes nos espaços dos estádios utilizados pelos torcedores, contendo orientações claras e objetivas sobre as medidas a serem adotadas pelas vítimas de violência nestes espaços, as quais contribuirão para a diminuição do índice de casos de violência relacionadas ao gênero e ao incentivo das mulheres à frequência nos estádios de futebol.

Assim como, a adesão de uma efetiva, concreta e célere aplicabilidade das medidas legais existentes no ordenamento jurídico criminal e especial do Brasil, com vistas a conferir eficácia à punição, na forma da lei aos agressores, também é um ponto importante a ser considerado, com vistas à solução do problema e para dirimir a violência contra as mulheres em todos os espaços da sociedade.

A pesquisa não pretendeu, de forma alguma, exaurir o tema proposto, que é amplo e dotado de grande relevância social. Como sugestão a futuras pesquisas como temas similares, propõe-se um estudo sobre a representação midiática da mulher torcedora e a influência direta nos estádios de futebol.

## Referências

- Bandeira, G. A. (2009). *Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração: currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS, Porto Alegre - RS. <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/15852>. Acesso em 01/12/2020.
- Bandeira, G. A. (2010). Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira De Educação*. 15(44), maio/ago, 2010. [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782010000200010&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782010000200010&script=sci_arttext).
- Bandeira, G. A.; Seffner, F. (2018). Representações sobre mulheres nos estádios de futebol. In: *Mosaico*. Porto Alegre, 9(14), jul./set. <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/74098>.
- Bandeira, L. M. (2014). Violência de Gênero: a construção de um campo teórico e de investigação. *Revista Sociedade e Estado*. 29(2), maio/agosto. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922014000200008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922014000200008).
- Beato Filho, C. C. (1999). *Políticas públicas de segurança e a questão policial*. São Paulo: Perspec, 13(4), 13-27, dez. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88391999000400003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400003).
- Beauvior, S. de. (2016). *O segundo sexo: fatos e mitos*. (3. ed.). Nova Fronteira.
- Bourdieu, P. (2002). *A dominação Masculina*. (2. ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU\\_\\_Pierre.\\_A\\_domina%C3%A7%C3%A3o\\_masculina.pdf?1332946646](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/16/o/BOURDIEU__Pierre._A_domina%C3%A7%C3%A3o_masculina.pdf?1332946646). Acesso em 10/11/2020.
- Brasil. (1990). *Lei n. 11.340, de 07 de agosto de 2006*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm).
- Costa, L. M. (2007). O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação no público feminino de futebol. *Revista Esporte e Sociedade*, 2(4), Nov2006/Fev2007. [https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/135243\\_es405.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/135243_es405.pdf).
- Damatta, R. (2006). *A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rocco, 2006.
- Ecoten, M. C. F. (2013). A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de torcedoras coloradas. *XXVII Simpósio Nacional de História, Conhecimento Histórico e Diálogo Social Natal*. RN 22 a 26 de julho de 2013. [http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364945588\\_ARQUIVO\\_AMULHERNOESPACODOFUTEBOL-UMESTUDOAPARTIRDEMEMORIASDEMULHERESCOLORADAS.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364945588_ARQUIVO_AMULHERNOESPACODOFUTEBOL-UMESTUDOAPARTIRDEMEMORIASDEMULHERESCOLORADAS.pdf).
- Hollanda, B. B. B. (2010). *O clube como vontade e representação*. 7Letras, Viveiros de Castro Editora Ltda.
- Luzzi, L. (2020). Pesquisa revela que Corinthians tem torcida de maioria feminina. *Portalcomunicare.com.br*. <https://www.portalcomunicare.com.br/pesquisa-revela-que-corinthians-tem-torcida-de-maioria-feminina/>.
- Maia, T. (2020). Elas no estádio, Federação Paulista lança campanha. *Futebol.com.br*. <https://futebol.com.br/elas-no-estadio/>.
- Marconi, M. de A.; Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos da Metodologia Científica*, (5. ed.). São Paulo: Atlas.
- Mauss, M. (1974). Ensaio sobre a dádiva. *Sociologia e Antropologia*. Edusp.
- Murad, M. (2007). *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Editora FGV.
- Petrocilo, C. (2020). Federação Paulista quer ampliar presença de mulheres em estádios. *Folha de São Paulo*, 21 jan. <https://www1.folha.uol.com.br/amp/esporte/2020/01/federacao-paulista-quer-ampliar-presenca-de-mulheres-em-estadios.shtml/>.
- Salvini, L.; Souza, J. e Marchi Junior, W. (2012). A violência simbólica e a dominação masculina no campo esportivo: algumas notas e digressões teóricas. *Revista Brasileira de Educação Física*. Esporte, São Paulo, 26(3), 401-10, jul./set. <https://www.scielo.br/pdf/rbefe/v26n3/06.pdf>.
- Santos, M. H.; Pacheco, J. P. R. (2019). Representações sociais da mulher torcedora no consumo do esporte mais popular do Brasil. *Anais do XIII Congresso Brasileiro Científico de Comunicação Organizacional e de Relações Públicas – Abrapcorp, São Paulo/SP*, [http://abrapcorp.org.br/site/manager/arq/\(cod2\\_22799\)MariaHelenaSantos\\_JessicaPacheco\\_GT2\\_Abrapcorp2019.pdf](http://abrapcorp.org.br/site/manager/arq/(cod2_22799)MariaHelenaSantos_JessicaPacheco_GT2_Abrapcorp2019.pdf).
- Silva, J. (2017). A importância das mulheres na origem da palavra torcida. *Blog Lance.com.br*. <http://blogs.lance.com.br/gol-de-canela-fc/importancia-das-mulheres-na-origem-da-palavra-torcida/>.

Silveira, R. da; Stigger, M. P. (2013). Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. Florianópolis, 35(1), jan./mar. [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32892013000100014](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32892013000100014).

Reis, B.; Lima, K.; Avelar, S.; Seraphico, Y. (2020). Mulher e Futebol: o desafio na busca por espaço. *Leijaja.com*. <https://www.leijaja.com/noticias/2020/03/06/mulher-e-futebol-o-desafio-da-busca-por-espaco-no-estadio/>.

Rodrigues Filho, M. (2010). *O negro no futebol brasileiro*. (5.ed.). Mauad.